



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

## Uma imagem-infantil na América Latina, uma memória para o mundo

Marcus Pereira Novaes

Associação de Leitura do Brasil

[novaes.marcus@hotmail.com](mailto:novaes.marcus@hotmail.com)

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Universidade Estadual de Campinas

[acamorim@unicamp.br](mailto:acamorim@unicamp.br)

*Palavras-chave:* imagen-infantil; filosofías de las diferencias; cine latinoamericano; educación.

### *Resumo*

Neste trabalho que está vinculado ao *Projeto de Pesquisa Afetos e visibilidades comparados: imaginário e lugar das imagens em narrativa teatral e cinematográfica (Chile-Brasil 1990-2010)*, financiado pela FAPESP ((Processo 2019/13202-7)), apresentaremos como imagens artísticas de um acontecimento *comum* à América Latina teriam a possibilidade de nos fazer perceber, através das forças inventivas de criação, a potência de se buscar por audiovisuais que possam atritar e promover rupturas com regimes de signos que, na busca por expressar o verdadeiro, acabariam por reforçar um perigo que pensamentos neoliberais trazem consigo, tais como a abolição da democracia e a germinação de ideias e discursos que possam atualizar um passado de dor e sofrimento no continente, especificamente os regimes ditatoriais. Através do que denominamos de imagens-infantis<sup>1</sup>, buscar-se-á por uma relação às intensidades do tempo com o cinema, tanto por suas formações em meio a um intervalo, como

---

<sup>1</sup> Conceituação originária da tese de doutorado de NOVAES (2021): imagens individuadas por experimentações sonoras e visuais e fazem derivar Figuras infantis em seus espaços fílmicos, potencializando-as continuamente, entre as dobras que se constituem ao longo de várias obras fílmicas estudadas, dentre elas *A Casa Lobo* (2018). Dobras que afetam as imagens-infantis com outras virtualidades, intensificando-as com sons e cores.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

por suas dilatações e contrações fílmicas que expressem pensamentos e composições de outras narrativas e nos deem diferentes percepções e sensações.

Com este movimento, aproximamo-nos da ponderação de Cangiano (2022) sobre a vida ser permeada de “múltiplas forças de todos os matizes, nas externalidades e interioridades múltiplas das singularidades dos corpos. Não obstante, mesmo no processo contínuo de territorializações e desterritorializações dos fluxos desejanter, existem recalques que persistem e traduzem a univocidade neoliberal” (p.31).

O argumento principal é compreender o filme *Casa Lobo* (2018), realizado em stop motion pelos diretores e artistas Cristóbal León e Joaquín Cociña, como linha de fuga quando não é mais possível dar sentido ao fascismo. Ou seja, uma obra que não busca fugir desta memória/história e, sim, buscar significações outras quando é inevitável escapar de tal condição/subjugação. Uma linha de fuga, ou seja, um complexo de forças, o potencial, a invenção, a constituição, uma abertura que permite despistar ou transformar a situação em um dado momento. Numa era da quantidade acachapante de imagens, colabora-se para a sensação de aceleração que permeia o contemporâneo. “A aceleração não é simplesmente uma sucessão linear de inovações, na qual cada item obsoleto é substituído por um novo. Cada substituição é sempre acompanhada por um aumento exponencial do número de escolhas e opções disponíveis.” (CRARY, 2014: 52).

A edição e montagem do filme escolhido agem criativamente na ativação de outros possíveis na história que se conta. E isso acontece em algumas direções, tais como demonstrando os cruzamentos entre as histórias “reais” e a ficcionalização que a animação inventa/produz. Uma parte das narrativas parte da personagem – que é uma criança – e se desloca para a imagem-infantil, conceito de “resistência” ou de perfuração das lógicas estruturais e reprodutivas dos modos neoliberais de administração (moral, reguladora, de controle) da vida. Uma outra direção que se destaca são os conjuntos de espaços de memória referenciados ou representados no filme, opera-se, de modo contrastante, uma expansão contínua e diferencial em sua produção que espalha rastros coletivos. Construído e realizado em diferentes espaços do território chileno, bem como em diferentes museus pelo mundo — como Argentina e Alemanha— A *Casa Lobo* deixa vestígios por esses lugares, na forma de instalações que puderam ou ainda podem ser visitadas pelo público. Enquanto o modo de sua produção valorizará essa maneira coletiva de se produzir espaços que apostem na potência da



arte como afecção que venha valorar a vida, e que poderia funcionar como uma memória fragmentada e especializada no mundo, o uso do som, como vemos mais adiante, intensificará o discurso opressor e falsificador do fascismo, sobretudo no uso da voz off, que buscará enaltecer o apelo moral de salvação a ser realizado por um indivíduo em detrimento à potência do coletivo.

Longe de realizar um mero jogo binário, bastante presente em discursos neoliberais que disputariam a validação das imagens segundo uma interpretação correta de seu conteúdo ou conforme o seu grau de realismo associado a uma ideia de verdade, podendo variar segundo “o viés político-ideológico do receptor e a concordância de um grupo identificado com um idêntico espectro político-ideológico” (CAMARNEIRO, 2019p. 31), toda a construção de A Casa Lobo buscará evidenciar a crise do discurso do verdadeiro associada às imagens, desde sua construção até sua forma final, apostando mais em mostrar uma narração falsificadora que busca trazer à imanência uma escolha ética-estética-política quanto a potência artística das imagens.

Este cinema escolhido por nós, similarmente a outros cinemas da América Latina, atualizam o passado em sua afecção. E é neste tipo de movimento que a crítica deleuziana ao pensamento e cinema clássico, principal intercessora deste trabalho, se dá a ver, ou melhor dizendo, que uma nova memória pode ser germinada.

A América Latina é constantemente alvo de usurpadores e a arte permite dar vida aos acontecimentos que criam outras miradas para o continente, aos acontecimentos que constroem uma memória para o mundo. Daí o cinema e as artes sofrerem repressões por parte de governos extremistas e conservadores. Esses governos buscam impor uma moral pelo ódio, pela exclusão, pelas mortes da pluralidade de mundos, buscando se apropriar do cinema como propaganda política. Mas o cinema, em sua potência de proliferar memórias e sensações ao mundo, propõe um combate criativo que as representações não conseguem conter. Longe de buscar representar sua memória, o cinema latino-americano poderia estar mais próximo ao que colocou Deleuze (2018a, p. 66), quando aponta que reconstituir uma memória nunca serviu a ninguém. Para o filósofo, compor-se como arte ao mundo, faz do cinema algo muito mais provocador, é muito mais molesto, servir de memória ao mundo, constituir um lugar em que só se pode ser uma memória do mundo. (DELEUZE, 2018a, p. 66). Ou seja, o cinema cria, para além das memórias pessoais e registros históricos, uma fabulação que inventa um povo



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

por vir. No caso deste texto, referimo-nos as imagens-infantis que dão vozes para que diferentes infâncias possam coexistir, atualizando vários possíveis, criando novas imagens ao mundo e afirmando um combate que valoriza a vida e seus graus de potência.

É por meio da imagem-infantil que podemos perceber lutas e rupturas com as duas formas de subjetivação da vida, que Deleuze e Guattari discutem quanto ao monitoramento, à manutenção e a produção de axiomas como “controle da axiomática neoliberal predominante” (CANGIANO 2022. p. 91). Essas forças são a sujeição social e a submissão maquínica. As subjetividades estão sujeitas a um macro regramento coloquial, linguístico, semiótico e se manifestam no cotidiano como palavras de ordem e “obrigação social”, no plano molar.

A imagem-infantil não é uma outra linguagem, pois a

A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte --- um veredito dizia Kafka. [...] A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas --- o que é bastante diferente --- transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. (DELEUZE; GUATTARI, 2008, v. 2, p. 13).

A imagem-infantil aproxima-se, isso sim, de uma conexão com a filosofia moderna, pela qual o conceito de verdade não se sustentaria como modelo universal, o cinema poder-nos-ia mostrar que, no continente latino-americano, o conceito de verdade só se faz possível quando reinventado, quando se quebra, estilhaça a falsa moral do dominador e, com isso, vidas são liberadas a fazer rizomas e conexões criativas nos encontros, de um lado, com os sentimentos que passam a perceber diferentemente perspectivas depravadas; e de outro, com as percepções que se elevam em graus de potência para poderem afetar um mundo. São as duas caras da moeda do tempo — os afetos e o perceptos, as forças da potência do falso que permitem o trabalho de atualizar e criar um conceito, inventar uma verdade.

O encontro com filme chileno *A Casa Lobo* (2018) pode nos fazer perceber uma imagem-infantil relacionada ao questionamento sobre o conceito de verdade e, sobretudo, por que isso implicaria uma direta conexão com o tempo. Para tanto, utilizaremos a filosofia de Gilles Deleuze e seus estudiosos como principais intercessores bibliográficos.

Faremos este movimento, porque a filosofia de Deleuze precisa apreender a criação filosófica de conceitos não apenas como uma prática de busca da verdade, mas no sentido de



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

que os conceitos sempre oferecem soluções para problemas que precisam ser percebidos e, por assim dizer, 'construídos' em primeiro lugar, e que “necessariamente mudam” ao longo do tempo (DELEUZE e GUATTARI, 2009).

Mas, por que o tempo? Qual seria o problema do tempo em relação à verdade e como essa relação, entre tempo e verdade, pode ser potente para uma conceituação de uma imagem-infantil?

Uma resposta muito simples, ainda reduzida a um problema de conteúdo, seria que, seguramente, podemos imaginar que a infância, quando relacionada a um conceito de verdade, poderá sofrer variações ao longo do tempo, diferindo-se conforme o lugar em que é atualizada. Do mesmo modo que uma verdade sempre poderia mudar quando posta em choque com um ponto de vista feito dominante, ou ainda, de acordo com uma proposição que atende necessariamente melhor a um modelo universal.

Veremos que a imagem-infantil conectada ao tempo, em uma relação de confronto com o conceito de verdade, confrontará a moral, a moral como verdade. Por ser uma imagem-infantil, ela está sujeita constantemente a juízos de um poder de fala dominador e buscará escapar da fórmula que toda moral buscará impor: “você deve!”. Essa é a frase legisladora da moral, uma moral que às vezes reduz a potência do existente e, neste capítulo, referimo-nos às existências das imagens audiovisuais que apresentam diferentemente, uma personagem infantil, que vem ajudar a problematizar possíveis problemas que o filme chileno busca tratar.

A personagem infantil apresentada na tela tem uma força inventiva disparada quando é afetada por algo aterrador e que a faz mais ou menos potente em perceber uma possibilidade de mundos. Ensinar-nos-á a ver e ouvir imagens — pois o som também nos dará a perceber as imagens-infantis — que estão no fundo do tempo e se atualizam em meio às potências do falso, entre os afectos que fazem as imagens-infantis concebíveis conceitualmente, construindo singularmente uma personagem que sente intensamente algo absurdo em sua vida cotidiana; e entre os perceptos que possivelmente devirão perceber as forças entre formações minoritárias, não estratificadas. A imagem-infantil não está a representar ações e reações de tal ou qual personagem, ela até pode aparecer com esses movimentos e derivar de efeitos de algumas ações de infantes, mas, sobretudo, a imagem-infantil se atualiza no filme ao propiciar uma nova percepção, atualiza potências da infância ao



criar o novo, por exemplo, no caso de *A Casa Lobo* (2018), um combate imagético contra o fascismo.

Proporemos, então, encontrar essa imagem-infantil em conexão com o tempo, mas também com um acontecimento comum em alguns filmes dos cinemas latino-americanos. Privilegiaremos algumas cenas que fazem retornar um período de horror no continente, tal qual uma nuvem que envolve uma memória da América Latina, mostram virtualidades de um acontecimento que relampeja entre imagens-infantis e que constantemente ameaça retornar, os regimes ditatoriais.

A imagem-infantil é uma linha possível de articulação das discussões da filosofia de Deleuze e o neoliberalismo, no sentido que Simon Schleusener discute em seu texto, qual seja, pelo menos tão importante é a sua dimensão diagnóstica e pragmática: a sua eficácia na capacidade de tornar visíveis, relacionar e dar respostas aos problemas contemporâneos. Em outras palavras, a tarefa da filosofia não é resolver os problemas do passado, mas criar conceitos que sejam capazes de intervir nos problemas do presente, ou seja (em termos mais propriamente deleuzianos), “o agora de nosso devir”. (p. 50)

Os regimes ditatoriais, arbitrariamente implementados em alguns países latino-americanos, influenciaram e influenciam a realização de muitos filmes que, direta ou indiretamente, criam imagens que exprimem uma infância audiovisual deste período ou de possíveis atualizações desses acontecimentos, no presente. Às vezes, tais imagens buscam servir como registro histórico dessa época para a construção de um arquivo que gere uma consciência do passado. Outras vezes, há uma aposta fílmica em inventar uma memória para o mundo, pelos movimentos aberrantes de experimentação na imagem, ao criarem uma imagem-infantil que vive e testemunha algo absurdo e intolerável, possibilitando mostrar, ainda, que os efeitos dessas ditaduras, esses efeitos incorporais, podem voltar a se atualizar, diferentemente, nesse território.

Abordaremos conexões com este segundo aspecto, pois nos interessa conceber uma imagem que se inventa enquanto infância, um conceito de imagem-infantil que tem uma conexão com o tempo, faz-se dentro da memória pois, neste caso, a memória é o tempo, um tempo não cronológico, ou ainda, poderíamos dizer que se trata de uma memória impessoal, dentro da qual, as imagens-infantis são moduladas e constituídas entre séries de dobras temporais que aparecem em narrativas fílmicas. Há momentos em que as imagens falham em



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

apresentar a verdade, recorre-se aos conhecimentos e lembranças habituais e não se encontra a resposta correta; há uma falha no circuito orgânico de imagens ou no reconhecimento habitual que instaura questionamentos sobre algo que uma memória psicológica, baseada em movimentos sensorio-motores, não daria conta de apresentar uma solução. Nesse filme, existiria uma certa pedagogia da imagem pela qual uma personagem vidente nos ensina a ver e ouvir, fazendo-nos perceber coisas não visíveis ou audíveis.

Segundo Neno e Fernández (2018), “la desavenencia entre lo que vemos y lo que oímos es parte de la ecuación fundamental en el momento de provocar una extrañeza, que protagoniza el filme, y que se justifica tanto desde el lugar de la narración como de los contextos históricos y políticos a los que alude la película” (p. 81).

Em nossa discussão com essa obra chilena, veremos que a imagem-infantil não nos dará uma saída, uma vez que a personagem será uma espécie de vidente de um tempo, no qual experimenta algo de aterrador no cotidiano, mostrando-nos uma vida esgotante e terrível, mas que, em sua impossibilidade de reagir às situações em que estão envolvidas, tem de abrir brechas para liberar as potências de metamorfose, recriando-se imageticamente.

Formando uma espécie de pedagogia cristal, por onde as personagens dos filmes buscam nos afetar, as imagens-infantis ensinam-nos a necessidade de exercitar os olhos e ouvidos, a perceber diferentemente, pois não há aprendizagem que não passe pela afecção e possibilidade de aprender com o tempo, conectar-se entre as modulações dos sons, entre ruídos e silêncios, e assim poder criar uma resposta atenta ao problema que um acontecimento levanta, evitando-se repetir opiniões que justificam a perda de potência nos corpos.

A América Latina é constantemente alvo de usurpadores e a arte permite dar vida aos acontecimentos que criam outras miradas para o continente, aos acontecimentos que constroem uma memória para o mundo. Daí o cinema e as artes sofrerem repressões por parte de governos extremistas e conservadores. Esses governos buscam impor uma moral pelo ódio, pela exclusão, pelas mortes da pluralidade de mundos, buscando se apropriar do cinema como propaganda política. Mas o cinema, em sua potência de proliferar memórias e sensações ao mundo, propõe um combate criativo que as representações não conseguem conter, longe de buscar representar sua memória, o cinema latino-americano poderia estar mais próximos ao que colocou Deleuze (2018a, p. 66), quando aponta que *reconstituir uma memória nunca serviu a ninguém*, Para o filósofo, compor-se como arte ao mundo, faz do cinema algo muito mais



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

provocador, *é muito mais molesto, servir de memória ao mundo, constituir um lugar em que só se pode ser uma memória do mundo.* (DELEUZE, 2018a, p. 66). Ou seja, o cinema cria, para além das memórias pessoais e registros históricos, uma fabulação que inventa um povo por vir. No caso deste trabalho, referimo-nos as imagens-infantis que dão vozes para que diferentes infâncias possam coexistir, atualizando vários possíveis, criando novas imagens ao mundo e afirmando um combate que valoriza a vida e seus graus de potência.





### *Referencias*

- Camarneiro, F. *Algumas explosões (e um suspiro): ontologia das imagens digitais na era do neoliberalismo*, 17-34, 2019. Disponible en: <https://rebeca.emnuvens.com.br/1/article/view/564>. Accedido el 17 fev. 2023.
- CANGIANO, A. S. B. *A construção da subjetividade no neoliberalismo: Deleuze e Guattari*. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- CRARY, Jonathan. *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014
- DELEUZE, G. *Cine III. Verdad y Tiempo. Potencia de lo falso*. Trad. Pablo Ires e Sebastián Puente. 1. ed. Buenos Aires: Cactus, 2018a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*, Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, vol. II. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.
- NENO, C. U; FERNÁNDEZ, C. *Perturbaciones sonoras, resonancias visuales: reflexiones sobre el sonido en tres filmes experimentales*, en: Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas, v 14 – 2019, Bogotá, pp. 65-83

### *Filme*

- A *CASA LOBO*. Dirección: Joaquín Cociña; Cristóbal León. Chile: Diluvio - Globo Rojo Films, 2018. 1 DVD (75 min).